

Em 1980 a Rough Trade, por então a mais influente etiqueta independente britânica e futura casa-mãe dos gloriosos Smiths, edita o seu álbum número 8, *Colossal Youth*, assinado por um desconhecido trio oriundo do País de Gales, os Young Marble Giants, nome pomposo e megalómano a não traduzir (senão, *and that's the point*, ironicamente) a modéstia da proposta. Tantos anos volvidos a gravação permanece como tocante matriz da música *indy* (vocábulo, esse sim, a perder pertinência e sonoridade) insular.

Colossal Youth – Young Marble Giants (1980/2007)

Ouvido em 2007 *Colossal Youth* motivava-me um sorriso condescendente, mais *naïf* que datado, apenas a custo (e apoiado na memória afectiva) se recuperando o inesperado encanto do minimalismo sonoro introduzido pelos YMG na ruidosa cena *punk* coeva. E no entanto há algo de insidioso e intemporal no álbum que inquieta a memória e que haverá também fascinado Kurt Cobain, campeão da redescoberta dos Young Marble Giants (e das coevas *Raincoats*, da portuguesa Ana da Silva).

Do *punk* retém o álbum a lição do D.I.Y. (Do It Yourself), a escassez de meios contribuindo para o avolumar do mistério. A sumária instrumentação – guitarra, órgão Farfisa, caixa de ritmos – é dividida pelos irmãos Moxham, com destaque para Stuart, compositor e guitarrista de original concepção, a guitarra simultaneamente *lead* e ritmo mas em cujo jogo se adivinha aqui e ali a leitura de capítulos da música popular, como o *Country & Western* (*Choci Loni*), o *rock'n roll* (*Music for Evenings*) ou os Velvet Underground (*Brand New Life*).

Sobre a guitarra minimal de Stuart e o baixo poderoso de Phil Moxham, justapunha-se a voz vulnerável e pouco à *l'aise* de Alison Statton, protótipo de tantas vocalistas independentes pos-

Reedições



teriores e elemento perturbador de um registo-hino ao *low-profile*, pérola rara ainda hoje cintilante no guarda-jóias da música popular, e um dos mais reverenciados e menos ouvidos discos de culto da *pop*.

Colossal Youth foi gravado algures no idílico *countryside* de Gales em apenas cinco dias, o registo minimalista (a caixa de ritmos construída por Phil e o primo, Peter Joyce) devendo-se mais ao magro orçamento disponível que a opção estética. Pelo final de 1980 a banda terminara, lidando mal com o medo do palco, a falta de sucesso e as dissidências internas – Alison e Phil romperam o namoro e o consumo

galopante de psicotrópicos por parte de Stuart tornavam-no errático.

Qualquer dos membros prossegue uma carreira a solo longe dos holofotes e fanfarras da crítica, os manos Moxham nos efémeros Gist e Alison nos Weekend e a trechos com Ian Devine e Spike, em álbuns saudados com emoção por uma **Discopatia** que a eles consagrou mais que uma edição.

Em 2007 reacende-se a chama do culto dos Young Marble Giants, os quais são persuadidos pela etiqueta Domino a juntarem-se de novo para um único concerto, ocorrido em



Maio no Hay Festival, crescendo os rumores de disco novo. Mas o que hoje nos ocupa é a reedição histórica e gigantesca de *Colossal Youth*.

Gigantesca porque a Domino acopla ao álbum original o resto da produção gravada dos YMG, um triplo CD que constitui um sonho para os fãs, recuperando material obscuro e virtualmente inencontrável. A saber: *Final Day*, um *single* de três faixas, *Testcard*, um EP de seis temas e *Salad Days*, um CD de *demos* e gravações caseiras. Como bônus, um terceiro CD de *Peel Sessions*. O total é mais curioso que essencial, não ultrapassando os méritos de *Colossal Youth* mas fornecendo uma visão completista sobre uma das mais insólitas e breves formações da música popular, equidistante do melodismo e da anti-*pop*.

E pronto, **Discopatia** *rests its case* e jura não voltar a falar de *Colossal Youth* no futuro.

Liege & Lief – Fairport Convention (D. Edtion – 2 CD's)

a) Os antepassados eméritos

Reverendo **Discopatias** antigas, pasmo com a ausência de qualquer artigo dedicado à obra-prima do *electro-folk* britânico e matriz de um género a partir de então (1969) próspero, descontando uma episódica referência incluída no *corpus* fundamental da discografia de Richard Thompson, o genial guitarrista/compositor/cantor da formação original dos Fairport Convention.

Que outras e tão excelentes obras me haverão ocupado em 2002 de modo a omitir (criminosamente, diria) a edição remasterizada deste *Liege & Lief*, valorizado com a inclusão dos inéditos *Sir Patrick Spens* (um tema tradicional aqui na insuperável versão vocal de Sandy Denny) e do quasi-experimental *Quiet Joys of Brotherhood*, antes surgido em *Sandy*, o primeiro álbum a solo da diva do *folk-rock*. Para além do habitual e precioso livrete sempre presente em reedições quejandas, neste

caso com notas de Ashley Hutchings (músico da banda) e Joe Boyd (o seu produtor).

Uma nova reedição deste álbum seminal (adjectivo caído em desuso por críticos que dele outrora fizeram abundante cópia) em 2007 permite-me uma feliz e oportuna reparação.

Mas como nem as obras-primas nascem de geração espontânea ou se permitem desdenhar as obras precursoras, antes amiúde as tomando como exemplo a superar, sugiro uma aventura emocionante pela discografia dos Fairport Convention até ao desembarque grandioso nesse porto de bruma e encanto, qual moderno Camelot, que é *Liege & Lief*.

FAIRPORT CONVENTION (1968); WHAT WE DID ON OUR HOLIDAYS (Janeiro 1969); UNHALFBRICKING (Julho 1969) (Universal)

Qualquer uma destas reedições (2003) mereceria um artigo exclusivo, tal a sua importância histórica e artística. Se 2002 nos trouxera uma, outrossim incontornável, reedição de *Liege & Lief*, para muitos o maior álbum de sempre de *folk-rock* e inventor do género em Inglaterra, tão louvável in-

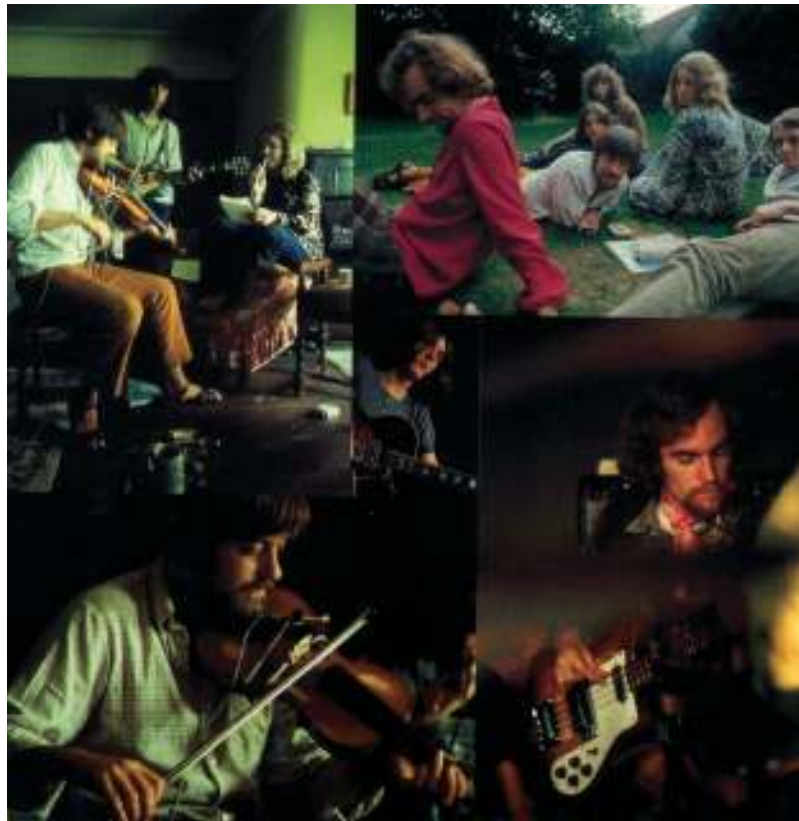


ciativa deveria ter respeitado a ordem cronológica de edições dos Fairport Convention e começado com o álbum homónimo. Sem esta mágica trilogia (contando com alguns inestimáveis temas-extra e mais notas de um Ashley Hutchings investido em curador da discografia da banda), *Liege & Lief* não conheceria a luz do dia.

Fairport Convention, o muito negligenciado e pouco conhecido álbum de estreia, é uma grata surpresa, coleção ecléctica de versões e temas originais onde a óbvia influência de Dylan convive com outras mais inesperadas, como a de John Coltrane e dos Jefferson Airplane, grupo a quem os FC eram, à altura, amiúde comparados. A analogia derivaria do par de vocalistas – Ian Matthews e Judy Dyble –, bem como das linhas psicodélicas de guitarra do virtuoso Richard Thompson, um génio de 19 anos.

What We Did on Our Holidays assinala a entrada em cena de uma das mais extraordinárias cantoras, compositoras e performers das Ilhas Britânicas, Sandy Denny, trazendo consigo o conhecimento de um catálogo tradicional a partir de então decisivo na economia sonora do grupo, e contraponto ora aveludado ora irado à voz angelical de tenor de Ian Matthews.

Com a sua mistura de versões de Dylan e Joni Mitchell, canções tradicionais britânicas e originais de membros do grupo (com um notável Thompson a crescer também como



compositor – ouça-se *Meet on the Ledge*), *What We Did* está equidistante das influências de *rock* americano do primeiro álbum e das futuras e singelas aventuras de *folk-rock*.

Mas a jóia da coroa é *Unhalfbricking*. Sem grande espaço protagonístico e algo desapontado com a orientação musical da banda, Ian Matthews sai, embora contribua com coros no transcendente *Percy's Song*, um dos três temas por então inéditos de um

Dylan fase *Basement Tapes*. Se no primeiro álbum era audível a influência Jefferson Airplane, agora a matriz era The Band (*Music From Big Pink*), com o seu casamento do *rock* com a música tradicional.

Os temas assinados por Sandy Denny (*Autopsy* e *Who Knows Where the Time Goes*) são pouco menos que memoráveis, bem como *Genesis Hall*, de um Thompson aos 20 anos o guitarrista mais inventivo das Ilhas Britânicas. No velho vinilo, o lado A terminava com o longo épico *A Sailor's Life*, fantástico *interplay* entre Thompson e o violinista Dave Swarbrick, a partir daí membro efectivo do grupo, os seus duelos tornando-se a imagem de marca de uns Fairport Convention líderes, com os encantadores Pentangle, do pelotão *folk-rock* britânico.

b) O disco

Na génese do grande e pioneiro disco que é *Liege & Lief*, está uma tragédia. Quando, na Primavera de 1969, regressavam de um concerto, os Fairport Convention viram o seu autocarro, conduzido por um sono-



DISCOPATIA Reedições

lento *roadie*, despistar-se, provocando a morte do baterista Martin Lamble e da namorada americana de Richard Thompson, bem como ferimentos a demais membros.

Devastados com a perda os FC equacionam o fim das actividades. Um prudente Joe Boyd (o produtor, recorde-se) aluga então uma mansão no *countryside* inglês, onde a banda, contando com o novo e duradouro baterista Dave Mattacks, se encerra durante o Verão desse ano, sarando as chagas e congeminando um disco revolucionário de música antiga tocada em instrumentos modernos, o que viria a enforçar a conservadora e retrógrada cena *folk* tradicional inglesa.

Dois dados fundamentais enformariam a arte de *Liege & Lief*: a) o gradual interesse de Sandy Denny e Ashley Hutchings pelo ubérrimo cancionário tradicional da Velha Albion, descoberto e preservado em colecções sem preço de infatigáveis perscrutadores de baladas e danças intemporais, como Francis James Child e Cecil Sharp, contagiando a banda para a respectiva e provocatória electrificação; b) o fascínio por dois álbuns coevos de música popular norte-americana, firmemente ancorados nas raízes mas sem menores marcas autorais por isso: o já citado *Music From Big Pink*, de The Band, e as tão modestas quanto imperiais *Basement Tapes* de Bob Dylan com The Band, tantas e tão repetidas vezes incensadas em pretéritas páginas de **Discopatia**.

Liege & Lief comporta apenas três originais, qual deles o mais emocionante, e uma mão-cheia de temas tradicionais



com arrojados arranjos electrificados visando o fantástico entendimento Swarbrick / Thompson. Histórias negras e mórbidas de reis, rainhas, cavaleiros, servos, fadas, navegadores, naufrágios e execuções, são-nos servidas pela voz singular e puríssima de Sandy Denny, motivando a renição deste escriba perante a beleza absoluta e singela de *Farewell, Farewell* e *Crazy Man Michael*, já denotadores do talento de compositor de Richard Thompson.

E, contudo (sacrilégio, sacrilégio), **Discopatia** não crê que o disco haja passado incólume pela usura do tempo, a produção de Boyd algo brumosa e, à luz dos padrões actuais, datada. O próprio Thompson, sem renegar o álbum, lembra-se de se queixar do que designava de «clausrofobia, ligeira artificialidade e sobre-arranjos». A tradição, essa porém não mais seria a mesma!

Uma longa convivência entre tão grandes e crescentes talentos era difícil. Pouco após a edição do álbum, Hutchings e Denny abandonam o grupo, o primeiro mais interessado na exploração do material tradicional, a segunda numa carreira a solo, tão fértil quanto abruptamente interrompida por uma hemorragia cerebral que lhe provocou a morte em 1978.

Contando com Simon Nicol da formação original, os Fairport Convention mantêm-se em actividade, acabando de lançar o álbum *Sense of Occasion* na sua etiqueta Matty Grooves, todos os anos congregando antigos membros em Agosto no festival de Cropredy. No deste ano celebraram-se os 40 anos da banda, o ponto alto sendo a *performance* integral de *Liege & Lief* pelos Fairport originais que gravaram o álbum nos idos de 1969. Um *must* que deixou uma **Discopatia** a banhos prosaicos na Ericeira a salivar de impotência.



Esta edição Deluxe de *Liege & Lief* compreende dois CD's, o segundo com faixas inéditas como uma versão da Balada de *Easy Rider*, dos Byrds, ou abordagens bem-humoradas a *standards* do jazz como *The Lady Is a Tramp* ou *Fly Me to the Moon*. Se já ouviu falar na expressão *folk-rock* e não sabe bem de que se trata ou como nasceu, tem em *Liege & Lief* notícia do Auto de Nascimento.

eMail: honorato_pim@netcabo.pt